

Apoena toma posse com elogios

Costa Couto afirma que o Governo não abre mão da autoridade

A posse do novo presidente da Funai, Apoena Melrelles, foi uma das mais concorridas dos últimos anos, em que o órgão chega ao seu 11º dirigente em 15 anos de existência. No auditório lotado do Ministério do Interior, o ministro Ronaldo Costa Couto não economizou elogios ao sertanista. Num discurso enfático, Costa Couto salientou que "a truculência é inimiga da democracia. Um governo para ser forte não tem que ser truculento, um governo para ser forte não tem que exercer o autoritarismo, tem que exercer a autoridade. Nós não abrimos mão do exercício da autoridade, seja no Minter, seja na Funai".

O ministro afirmou que a Funai precisa de seriedade, de um saneamento financeiro e administrativo que possibilite ao órgão se aproximar dos índios. Neste sentido, ele manifestou sua concordância com a proposta de descentralização feita por Apoena Melrelles, em março deste ano. Costa Couto responsabilizou a centralização do órgão e a falta de estrutura das delegacias regionais pela presença maciça de índios em Brasília. "Devo aqui resgatar a verdade. Grande parte dos índios que estão em Brasília hoje estão em busca de soluções de problemas legítimos que não estão conseguindo resolver nas delegacias", disse o ministro.

Índio fica em Brasília

O destino dos mais de 300 índios que se encontram em Brasília há mais de três meses começou a ser definido ontem à noite numa reunião na sede da Funai entre o novo presidente do órgão, Apoena Melrelles, seus diretores e lideranças indígenas. Apoena garantiu que a Funai continuará pagando as despesas de hospedagem e alimentação dos índios nos diversos hotéis do Núcleo Bandeirante, SIA, Taguatinga e até Lago Sul, enquanto os problemas não forem resolvidos.

Para o novo presidente, é normal que os índios procurem a sede da Funai em Brasília, que se transformou numa "grande delegacia nacional", já que os órgãos regionais "não têm autonomia nem recursos para atender às reivindicações". Esta é a razão de ser de um projeto seu, em fase final de elaboração, com apoio do ministro Costa Couto. Apoena pretende descentralizar a Funai, fortalecendo as delegacias regionais, e para isso quer transformar a presidência do órgão em um tutor e fiscalizador das delegacias regionais, que executariam as determinações de um conselho indigenista. Esse conselho, junto ao presidente, deliberaria sobre as questões ligadas à terra. Tal medida impediria a vinda de índios à cidade, o que onera excessivamente os cofres da Funai, em detrimento das aldeias, que estão sofrendo cada vez mais com a falta de recursos.

E os gastos são muitos. Segundo o chefe de gabinete do Minter, Deusdedith de Aquino, de janeiro a setembro a Funai gastou Cr\$ 2,5 bilhões em hospedagem com esses grupos. Na Casa do Índio, criada em março para abrigar os líderes e dar assistência no setor de saúde aos que viessem a Brasília procurá-la, encontram-se atualmente 77 índios, sendo que ela tem capacidade para abrigar 40. "Está sempre chegando mais gente. E impressionante, o índio não quer mais parar nas aldeias. Acho que isso é consequência do clima de liberdade que experimentaram com a Nova República", afirma Maria Helena Melo, enfermeira, há 17 anos na Funai.

Segundo Maria Helena, a chegada de índios em massa começou em março, para assistir à posse do presidente Tancredo, sendo que alguns não mais retornaram. Com a superlotação na Casa do Índio, eles passaram a se hospedar nos hotéis Ipacarái, Aquarius, S. Judas Tadeu, Jurema, presidente Médici, Instituto, Colorado, Olimpus e Bandeirante.

O proprietário do hotel Bandeirante, atualmente com 20 índios, José Araújo Chaves, afirmou que a dívida da Funai com seu estabelecimento é de Cr\$ 40 milhões, e o pagamento "é enrolado, cheio de burocracias". Mas, segundo ele, "a Funai, quando paga, paga bem". Já o dono do Restaurante do Manoel, no Núcleo Bandeirante, onde a maioria dos índios faz suas refeições diárias, Manoel Francisco de Araújo, diz que o pagamento "está devagar". Segundo ele, as notas são apresentadas à Funai e a fiscalização é feita muito eventualmente, por um funcionário do órgão.

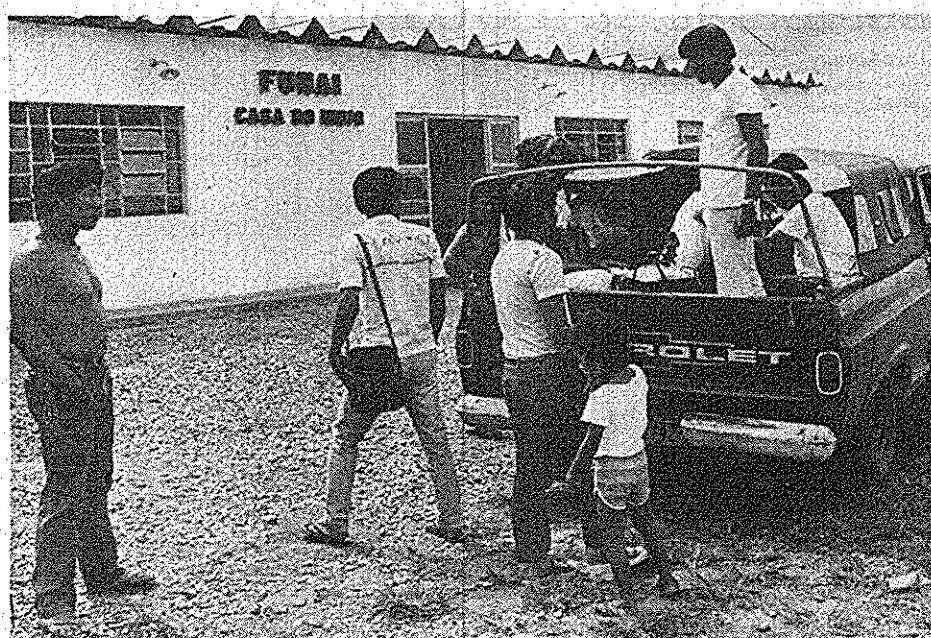
O hotel Jurema é o que hospeda o maior número de índios: 80. Segundo um índio Kinikinaua (MS), que está há 10 dias em Brasília "tentando resolver os pro-

blemas do meu povo, mas não encontrava ninguém para nos atender na Funai", no Jurema existem índios, principalmente fulni-ô (MS), que estão em Brasília desde que o convênio entre a Funai e os hotéis foram assinados, há três anos, "coçando aquilo que Papai Noel carrega". Tem gente até criando filho em hotel". Ele atribui isso à falta de administração e fiscalização da Funai.

O ex-presidente do órgão, Alvaro Villas-Boas, atribuiu a permanência dos índios à manipulação de ex-funcionários da Funai por ele demitidos no início de sua gestão. Porfirio Carvalho, um dos demitidos, assegurou que o grupo "sempre tem tido contato com os índios, para evitar esse tipo de comentário". A respeito das demissões, Apoena disse que vai rever as que achar convenientes.

Na reunião de ontem Apoena começou a sentir as atribuições de um cargo que "dá mais ibope que a Presidência da República", segundo um dos assessores do Minter, porém um dos mais difíceis. Os índios Pataxó, da Bahia, e Caim-gangue, do Paraná, por exemplo, estarão pedindo cobertura, respectivamente, das delegacias de Salvador e Londrina, fechadas por Alvaro Villas-Boas. Apoena conta, pelo menos, com o apoio irrestrito de Costa Couto.

Na presença de cerca de 100 índios e de um enorme número de funcionários, Apoena Melrelles admitiu ainda que a sua designação é a missão mais difícil que terá de enfrentar na sua vida de sertanista. As lideranças indígenas, entre elas Kaiowá, Xavante, Fulniô, Krahô e Gavião não fizeram grandes manifestações ao novo presidente. De forma reservada alguns falaram da sua credibilidade em Apoena Melrelles. Eles esperam, de fato, que a sua administração não seja tão curta como a de seus antecessores.



Os índios vão permanecer em Brasília até que seus problemas sejam resolvidos

Villas-Boas critica o ministro

"Eu não me demiti da Funai. Quem me demitiu foi o presidente José Sarney, a pedido do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, que, na minha opinião, não entende nada de índios". O desabafo é do ex-presidente da Funai, Alvaro Villas Boas, que acusou o governo da Nova República de dar exemplo de incompetência e fragilidade. "Eu queria ficar" — declarou Villas Boas — "mas a minha inflexibilidade e rigidez não permitiram que eu continuasse, na minha opinião o ministro Costa Couto é um homem sem ação, interessado apenas na sua carreira política e sem ter coragem de tomar uma atitude mais decisiva em relação ao problema indigenista".

Demonstrando muito nervosismo e indignação com as notícias da demissão, recebida anteriormente por telefone, Villas Boas declarou, no Hotel Torre, "que a Funai é um retrato fiel do Brasil, que é um caos". Para ele, a Nova República é um exemplo de

incompetência, fragilidade e irresponsabilidade com o povo e com o índio. "A Nova República é parecida com a velha, só que com outra aparência", acrescentou.

Villas Boas queixou-se também da falta de apoio e recursos para a Funai e voltou a denunciar o recebimento por parte de alguns funcionários de dinheiro dos hotéis pela hospedagem dos índios que chegam a Brasília. Ele defendeu a emancipação dos índios do Nordeste e condenou as entidades que apoiam a política indigenista como o Cimi, UNI, Anai, ABA e Comissão Pró-Índio. Segundo o presidente da Funai, estes organismos recebem dinheiro do exterior e não têm nenhum interesse em defender os índios mas apenas explorar os recursos minerais nas suas terras.

Villas Boas disse ainda que não teve condições administrativas de exercer o cargo de presidente. Ele citou os exemplos das delegacias de Londrina e Salva-

dor, cujas sedes foram ocupadas pelos índios depois que ele extinguiu as duas e perguntou porque o ministro da Justiça, Fernando Lyra, não mandava desalojar os invasores e devolver os prédios. "Ao contrário", ressaltou Alvaro Villas Boas, o ministro da Justiça deu ordem para que a Polícia não fizesse nada, a não ser com mandado judicial, que um juiz de Londrina se negou a conceder. Como é possível, isso? Fêchê Salvador porque havia lá uns cem índios tomando sol na praia e bebendo cerveja nos bares, sem nenhuma razão para estar lá.

Quanto ao novo presidente da Funai, Apoena Melrelles, Villas Boas o considera uma excelente pessoa, mas que não poderá resolver os problemas estruturais do órgão. Alvaro Villas Boas afirmou finalmente que, a partir de agora, irá se dedicar apenas à literatura indigenista, fruto do seu longo trabalho com os índios em todo o País.